

## Capítulo 6

### Nas sombras da solidão

Em 1942, época do Estado Novo e da Segunda Grande Guerra, crescia a perseguição aos judeus e aos comunistas. Paris continuava invadida pelos alemães. O nazi-fascismo se consolidava e espalhava o horror e o medo. A sensação de impotência diante da ofensiva de Hitler e Mussolini era também partilhada entre os intelectuais do Brasil, e aqui se encontravam refugiados, a partir da segunda metade da década de 1930, alguns intelectuais europeus de origem judia, que logo iriam desenvolver importantes trabalhos de contribuição à literatura brasileira, como os alemães Herbert Caro e Anatol Rosenfeld, o austríaco Otto Maria Carpeaux e o húngaro Paulo Rónai. Em 1940, após passar pelo exílio na Inglaterra e nos Estados Unidos, chegava ao país o austríaco Stephan Zweig, que iria morar em Petrópolis, com sua segunda mulher e secretária Lotte, quase 30 anos mais nova do que ele.

No dia 22 de fevereiro de 1942, o romancista, poeta, dramaturgo e amigo pessoal de Sigmund Freud, suicidou-se em sua casa, juntamente com Lotte, ingerindo uma série de remédios.

Dois dias depois, ao ler a notícia sobre a morte de Zweig, Mário de Andrade escreve à poeta mineira Henriqueta Lisboa:

“Estou me sentindo muito triste, muito abafado. Não deve ser do suicídio do Zweig, ou pelo menos, não deve ser apenas por isso. Pelo contrário: quando li a notícia hoje de manhã, o que eu tive foi raiva”.<sup>1</sup>

E mais adiante acrescenta:

“A covardia absurda e abjeta do suicídio dele não está em ter se recusado a viver neste mundo a que chegamos, está no convite ao conformismo. Porque o suicídio, afinal das contas, é uma espécie de conformismo como qualquer outro.

Eu também na minha crise que acabou me fazendo fugir pra fazenda em dezembro, também a mim a imagem do suicídio me

---

<sup>1</sup> Andrade, Mário de. *Querida Henriqueta: cartas de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa*. 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. P. 79.

perseguir bastante. Mais a imagem que a idéia, porque acreditando em Deus, meus deveres morais pra com Deus me impedem, sinão de estudar o problema, pelo menos de o encarar como problema meu. E si eu meter uma bala na cabeça será me deixar levar pela imagem de uma assombração... apaziguadora. E a vida me interessa mais que essa possível paz da morte. Você sabe o que mais me assombra nos materialistas? É não se suicidarem todos eles! porque não se suicidam!”<sup>2</sup>

E, poucas linhas depois, revela toda a aversão que a ditadura lhe causava:

“Mas com a imagem do suicídio me veio logo a imagem gêmea do assassinio. Nesta eu pude consentir e transformá-la em idéia. Afinal das contas não me seria desagradável botar uma bomba num conclave que reunisse Getúlio, Osvaldo Aranha, Góes Monteiro, Chico Campos, Plínio Salgado, e até o meu prezado amigo Capanema. Afinal das contas essa gente que é ditadura, que é nazistizante como ideologia política, que é não se sabe o quê como forma de governo mansinho e amansado, e que acaba aderindo à força e de boa vontade ao imperialismo ianque, essa gente nos enche de ignominia...”<sup>3</sup>

No mesmo mês escreve ao antigo companheiro da época do Departamento Municipal de Cultura<sup>4</sup>, Paulo Duarte, que se encontrava morando em Nova Iorque:

“Tenho assim meio a impressão de que estou me suicidando aos poucos e vou me acabar um pouco antes do tempo, pois desejava viver até os 55 anos.<sup>5</sup> Aliás ando mais corretamente desde o dia 1º de janeiro, menos em estado de crise moral, não dando escândalos de arreentar com tôda a gente nem me embebedando por aí! Mas criei uma fama...

<sup>2</sup> Idem.

<sup>3</sup> Ibidem.

<sup>4</sup> Em 1935, incentivado por Paulo Duarte, Mário de Andrade assume a direção do Departamento de Cultura de São Paulo, durante a gestão do prefeito Fábio Prado. Com o golpe do Estado Novo, em novembro de 1937, Prestes Maia assume a prefeitura e, no ano seguinte, Mário é afastado de suas funções sob uma devassa que coloca suspeitas a respeito da idoneidade de sua administração. Amargurado e sentindo-se de mãos atadas, decide transferir-se para o Rio de Janeiro, ainda em 1938, aceitando convite para ser professor na Universidade do Distrito Federal.

<sup>5</sup> Morreria antes, aos 51 anos de idade.

Isso me entristece porquê deriva em grande parte da incompreensão e dos exageros dos próprios amigos...”<sup>6</sup>

É nesse emaranhado de sensações dolorosas que se põe a redigir a conferência *O Movimento Modernista* que viria a proferir em 30 de abril daquele mesmo ano, no Palácio do Itamaraty, a convite da Casa do Estudante do Brasil. O conteúdo bombástico do texto é assim anunciado por ele a Paulo Duarte, em carta de 28 de abril:

“Amanhã parto pro Rio, onde vou fazer uma conferência sobre o Movimento Modernista. Como vai ser publicada pela Casa do Estudante do Brasil, a que cedi os direitos da publicação, assim que sair lhe mando. É um caso bem típico do meu estado de espírito de agora. Faz vinte anos justos da Semana de Arte Moderna, e era lógico que eu devia fazer uma espécie de processo do Modernismo, historiá-lo, analisá-lo e criticá-lo. Saiu coisa inteiramente diversa, uma mistura maluca de recordações pessoais e maneiras críticas de ver que tornaram a conferência de um forte caráter polêmico. E no final botei uma confissão bastante cruel do que julgo que faltou à minha obra e à minha atitude vital...”<sup>7</sup>

A Manuel Bandeira alerta, em 20 de abril:

“... Agora vou me botar na escritura definitiva da conferência do dia 30, de que talvez você não goste nada. Ando muito desequilibrado, numa espécie de sofrimento esquisito que não consigo discernir bem. Será que o inconsciente sofre? Deve sofrer sim. Eu sinto vir à tona de mim os reflexos desse sofrimento irremediável. Está muito pau essa vida”.<sup>8</sup>

Esse sofrimento irremediável já transparece na carta escrita a Murilo Miranda, em 6 de novembro de 1941, quando Mário de Andrade se encontrava em Araraquara,

<sup>6</sup> Duarte, Paulo. *Mário de Andrade por ele mesmo*. 2ª edição. São Paulo: Hucitec/ Secretaria Municipal de Cultura, 1985. P. 218.

<sup>7</sup> Duarte, Paulo. Op.Cit. P. 228.

<sup>8</sup> Andrade, Mário de & Bandeira, Manuel. *Correspondência*. Organização e notas Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Edusp/ IEB, 2000. P.662.

no sítio do “Tio Pio” (na verdade, casado com uma prima de sua mãe), mesmo local onde escrevera a primeira versão de *Macunaíma*. Para ali fora à procura de uns dias de descanso, fugindo de uma angústia que o atormentava, conforme contará também na carta já mencionada à Henriqueta Lisboa. Voltara a morar em São Paulo, após viver três anos no Rio de Janeiro, entre 1938 e 1941. Murilo Miranda, diretor da Revista Acadêmica, fundada por ele e Lúcio Rangel, era dos amigos do Rio o mais próximo de Mário, que o tratava por “irmão pequeno”, mesmo apelido já dirigido a Manuel Bandeira, no poema a ele dedicado, *Rito do Irmão Pequeno*.

Na carta, Mário escreve a Murilo Miranda:

“O horrível é que eu me imaginava participante da vida e agora que sinto toda a minha literatice com um safado abstencionismo, os meus próprios estudos me enjoam como uma covardia sem limite. Só existe uma solução: ‘Oh sono, vem! Que eu quero amar a morte \_ Com o mesmo engano com que amei a vida’...”

Um suicídio discreto, mui discreto não fica mal e num xi xabe. Volto pra São Paulo e vou me entregar ao álcool com exabundância. Agora eu sei que não é vício. Aqui nesta chakra tenho mil ocasiões de beber. Abriu-se um vinho velho e nem provei...”<sup>9</sup>

Moacir Werneck de Castro, um de seus amigos do Rio que o acompanhavam nas noitadas na Taberna da Glória, observa que, nessa carta enviada a Murilo Miranda, a

“forma deliberadamente gaiata esconde seu total desalento, o desinteresse pela literatura (‘minha literatice’), os estudos, as pesquisas, tudo. De volta a São Paulo continua a beber, contente, depois da prova na fazenda, por verificar que não é vício.”<sup>10</sup>

Ao lembrar dos versos de seu soneto *Quarenta anos* na carta a Murilo Miranda, Mário parece querer fazer galhofa de si próprio, zombando de seu jeito grave de viver e, talvez, por isso aquele tom de brincadeira com a vontade de se matar: “*Um suicídio discreto, mui discreto não fica mal e num xi xabe*”.

<sup>9</sup> Andrade, Mário de. *Cartas a Murilo Miranda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. P. 100.

<sup>10</sup> Castro, Moacir Werneck de. *Mário de Andrade: exílio no Rio. Rio de Janeiro, Rocco, 1989*. P. 136.

Em *Quarenta anos*, é possível enxergar uma sombra de Álvares de Azevedo e também o conflito interior de quem tem uma fé religiosa, fé em Deus, e se sente pecando contra seus princípios, suas virtudes, seus ideais (“... Me agarrar a esta vida fermentada.”). Aos trinta e nove anos (o soneto é composto meses antes de seu aniversário) começa a se sentir velho. Mas ainda passaria por outras angústias e outras vontades de que o sono viesse.

Essa forma gaiata a que se refere Moacir Werneck de Castro lembra um episódio ocorrido com o compositor Noel Rosa, que morreria antes de completar 27 anos de idade, e que, mesmo recomendado por um médico a deixar de beber e fumar, acabou por continuar a fazer as duas coisas deliberadamente, escondendo seu desespero num jeito irônico de levar a vida. O compositor Nássara o surpreende pela manhã, já na mesa de um botequim, intercalando goles de conhaque e de cerveja, como contam João Máximo e Carlos Didier:

“\_ Por que não come alguma coisa, Noel? Beber assim, cerveja e conhaque, de estômago vazio, não faz bem. Você tem que se alimentar.

\_ E o que pensa que eu estou fazendo?  
\_ É então que se põe a discorrer sobre o alto valor nutritivo da cerveja, o poder sedativo do lúpulo, a riqueza da cevada que é até usada para engordar gado, os glicídios e as enzimas contidos no malte. Pensando bem, uma cerveja vale por um almoço.

\_ Está certo \_ conforma-se Nássara \_ mas e o conhaque?

\_ Bem, o conhaque é porque não gosto de comer sem beber.

Noel não pode ou talvez não queira ver o que lhe vai por dentro, os dois pulmões castigados por um mal que se alastra mais rápido do que seus companheiros de botequim imaginam”.<sup>11</sup>

No caso de Mário de Andrade, ele parece saber o que lhe vai por dentro: angústia, desencanto, solidão, o desalento por ver Paris invadida, a ditadura lhe tirando o cargo no qual depositara tantas esperanças e empenho. E tudo isso regado a consideráveis doses de álcool. Até mesmo antes de falar em público, em aulas ou conferências, já tem por hábito fazê-lo aquecendo antes a garganta e o espírito com

<sup>11</sup> Máximo, João & Didier, Carlos. *Noel Rosa, uma biografia*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília/ Linha Gráfica Editora, 1990. P. 433.

alguns goles. E chega a tomar Beladrenal para dormir e um excitante para conseguir trabalhar. Esse emaranhado de sensações viria a explodir na conferência sobre o Movimento Modernista.

No artigo em que relembra a conferência cinquenta anos depois, Moacir Werneck de Castro se refere ao fato de que Mário de Andrade escondia bem a tensão de que estava possuído.

“Provavelmente teria tomado um trago para descontraír, como costumava fazer antes de enfrentar uma platéia, com toda a sua tarimba”.<sup>12</sup>

Portanto, a morte de Zweig o surpreende no momento em que procura se recuperar do desespero pela idéia de suicídio que o perseguia naqueles tempos e que comenta tanto na carta a Murilo Miranda quanto na endereçada a Henriqueta Lisboa.

A cooptação de intelectuais e artistas pelo Estado Novo tem sido uma questão levantada por críticos nos últimos anos. E nesse panorama figuram em primeiro plano Carlos Drummond de Andrade, então chefe de gabinete do ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, e Mário de Andrade, que redigiu o anteprojeto do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional – SPAN (que acabaria sendo criado com o nome de Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN) e depois trabalharia no Instituto Nacional do Livro, elaborando o projeto da Enciclopédia Brasileira (que não se realizou).

Mas antes que se supervalorize a relação dos intelectuais modernistas com a Ditadura Vargas, é necessário despir preconceitos e verificar quem eram realmente esses *homens em tempos sombrios*, só para lembrar o belo título encontrado por Hannah Arendt para um de seus livros.

O sociólogo Sérgio Miceli parece ter tocado na chaga modernista em *Intelectuais e classe dirigente no Brasil*, referindo-se aos custos políticos do projeto modernista. Ao comentar o trabalho, Silviano Santiago diria em *O intelectual modernista revisitado* que o livro de Miceli seria a explicitação de um sabido silenciado.

Não se pode deixar de admitir a pertinência de um questionamento diante da aproximação de Mário de Andrade e Carlos Drummond de Andrade com um regime que, por ideologia, repudiavam. Parece que se trata aqui de uma crise ética.

---

<sup>12</sup> Castro, Moacir Werneck de. *Cinquenta anos depois*. Jornal do Brasil, 1º Caderno, 02/05/ 1992. P.11.

“*A política e a poesia são demais para um só homem*”. A afirmativa está no filme *Terra em Transe*, de Glauber Rocha, de 1967. No filme, a frase é dita pela personagem Sara, interpretada por Glauce Rocha, num diálogo angustiado com o jornalista/poeta Paulo Martins, vivido por Jardel Filho.<sup>13</sup>

Difícilmente, as inquietações e a exuberância de Paulo Martins seriam comparadas ao jeito introvertido de Drummond, que, no entanto, em 1938, já dizia:

“*Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan.*”<sup>14</sup>

Bastante lembrado como uma das alavancas do Tropicalismo, *Terra em Transe* foi concebido por Glauber Rocha em meio às conseqüências da deposição do presidente João Goulart com o golpe militar de 1 de abril de 1964. Pouco antes de morrer, ele diria em entrevista ao jornalista Pedro Del Picchia, da Folha de S. Paulo, em 1980:

“... quando o Jango caiu tive até uma surpresa, porque eu não estava dentro do processo político. Sabia mais ou menos que havia o problema das reformas e que havia reações. Só depois que o Jango caiu eu tive consciência de que o Brasil passou por algumas crises graves, problemas que eu tentei expressar em *Terra em Transe*...”<sup>15</sup>

O mesmo Glauber que, no exílio, durante os anos de 1970, apontaria que os caminhos para a redemocratização do país estariam nas mãos do general Golbery, que seria o Ministro da Casa Civil do General João Figueiredo, último presidente do período da Ditadura Militar.

“Eu já tinha ouvido falar cobras e lagartos desse livro (*Geopolítica do Brasil*, de Golbery Couto e Silva), mas resolvi enfrentá-lo e cheguei à conclusão que o livro do Golbery continha uma tese brasileira, de Brasil grande potência, uma tese nacional revolucionária,

<sup>13</sup> Rocha, Glauber. *Roteiros do Terceyro Mundo*. Organizado por Orlando Senna. Rio de Janeiro: Embrafilme/ Alhambra, 1985. P. 300.

<sup>14</sup> Andrade, Carlos Drummond de. *Elegia 1938. Obra Completa*. Rio, Aguilar, 1964. P. 115.

<sup>15</sup> Picchia, Pedro Del & Murano, Virginia. *Glauber, o Leão de Veneza*. Editora Escrita. s/d. P. 35.

que não era, segundo diziam, um manifesto de dependência da política brasileira à política norte-americana. Que existia ali uma parte tática que era a aliança com o hemisfério na defesa da ideologia ocidental-cristã. Mas a estratégia era a construção do Brasil como uma grande país, dentro de uma perspectiva que eu diria neodemocrática, neocapitalista, transsocialista...”<sup>16</sup>

Glauber iria morrer em 22 de agosto de 1981, em Portugal, depois de dias hospitalizado em Lisboa. No dia seguinte à sua morte, o jornalista Pedro Del Picchia publicaria um artigo na Folha de S. Paulo, no qual afirma que, mais do que dos pulmões, Glauber morreu de desgosto:

“... nem o afeto de meia dúzia de amigos, entre estes Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro, ambos em Lisboa, serviram para barrar o curso da doença. Glauber Rocha estava há muito condenado. Condenado pelo Brasil que tanto amava e sobre o qual derramou toda sua seiva criativa e com cujas terras agora se funde definitivamente”.<sup>17</sup>

Quase sempre mais associado à imagem de Oswald de Andrade, é possível lembrar de Glauber ao se falar de Mário de Andrade por essa idéia de querer se dar ao país e dar a ele e a seu povo uma arte que pudesse ser feita por seus próprios meios, uma arte moderna que fosse dialogar com a tradição. E, no fim, a imensa angústia por não ser compreendido e a certeza amarga de se saber só.

“*O homem mais forte que há no mundo é o que está mais só*”, diz o Dr. Stockman na última cena de *Um inimigo do povo*, de Ibsen.<sup>18</sup> É exatamente esta peça e, particularmente esta cena e esta frase que tanto chamaram a atenção de Nelson Rodrigues e o incentivaram a enveredar por um estilo de teatro que ele próprio definiria como *desagradável*, a despeito do que viessem a pensar ou dizer dele. É o que reafirma em depoimento a Fernanda Montenegro e Sábato Magaldi, entre outros, em livro editado pelo Serviço Nacional do Teatro:

<sup>16</sup> Idem

<sup>17</sup> Ibidem

<sup>18</sup> Ibsen, Henrik. *Seis dramas*. Tradução de Vidal de Oliveira. Porto Alegre: Globo, 1960. P. 195.

“... uma das maiores peças que se escreveu no mundo foi *O inimigo do Povo*, que acaba com esse final que dá vontade de a gente começar a chorar, e que diz assim: ‘O grande homem, o homem mais formidável, mais puro, mais imbatível, é o que está mais só’. Por isso eu briguei muito com a minha classe, a teatral, quando ela andava em comissões, comícios, assembléias e passeatas. Por causa da peça de Ibsen a gente tem que ser mais só...”<sup>19</sup>

Até conseguir um modo mais sereno de suportar essa solidão, Mário de Andrade irá amargar o conflito com as sombras de seus medos e fantasmas durante o período de exílio no Rio.

Em 22 de dezembro de 1940, dois dias antes, portanto, da véspera de Natal, escreve o poema *Canção (“Na solidão solitude...”)* já no seu segundo endereço na então Capital Federal: Ladeira de Santa Teresa nº 106, para onde se mudara em julho daquele ano, após morar dois anos na Glória. A casa de Santa Teresa ficava ao lado do Convento das Carmelitas, apenas distanciada deste por um terreno cujo endereço hoje tem o número 104. Ali, com vista para a Baía de Guanabara, olhava o aeroporto Santos Dumont e a Cinelândia. Em frente, havia um terreno baldio onde um catador de papel enchia um saco todas as noites com papéis e trapos que recolhia pelos lixos da cidade. Poucos apareciam por lá, já que tinha que se ir a pé ou de carro. Ou se ia pela Lapa subindo uma escadaria de 280 degraus<sup>20</sup> ou se tomava o bonde no Centro da Cidade, parando no ponto mais próximo, a cerca de 300 metros, na rua que passava atrás, a Joaquim Murтинho. Hoje, quando um prédio de quatro andares e nove apartamentos ocupa o lugar da casa em que morou Mário, o acesso à ladeira ainda é bem semelhante.

Tivesse ele ido morar lá sete anos antes e ainda encontraria a vizinhança amiga de Manuel Bandeira, subindo por toda a ladeira que desembocava na antiga Rua do Curvelo, então já chamada Rua Dias de Barros<sup>21</sup>, onde Bandeira morou durante 13 anos. Em 1940, o poeta pernambucano se encontrava ainda perto dali, porém morro

<sup>19</sup> Depoimentos V. MEC/Secretaria da Cultura/ Serviço Nacional de Teatro. 1981. P. 130-131.

<sup>20</sup> A escadaria começa na rua Joaquim Silva, na Lapa, e hoje cada um dos degraus exhibe azulejos do artista plástico Selaron, que diariamente ali está retocando o imenso mosaico criado por ele.

<sup>21</sup> “Por decreto de 17 de junho de 1869, foi aberta a Rua do Curvelo nas terras do Barão do Curvelo, Joaquim José de Meireles Ferreira. Pelo decreto de Alterações de Denominações 3.647, de 15/04/1931, passou a se chamar rua Dias de Barros. Esta rua desemboca num pequeno largo até hoje conhecido como Largo do Curvelo. Assim, a região em torno do largo ficou conhecida como Curvelo.” Bezerra, Elvia. *A Trinca do Curvelo: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Nise da Silveira*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995. P. 19-20.

abaixo, na rua Morais e Vale, na Lapa, de onde via o Beco. No mesmo ano, entrou para a Academia Brasileira de Letras e recebeu o apoio de Mário que dizia estar feliz por ele, embora continuasse se considerando um antiacadêmico.

Bandeira já não podia ser seu vizinho em Santa Teresa, mas parecia ter aquela serenidade diante da solidão e da morte que ainda escapavam a Mário. Ainda em 1940, escreve seus dois sonetos ingleses, que seriam reunidos em *Lira dos Cinquient'Anos*, e no *Soneto Inglês nº 2* parece dizer qualquer coisa que a Mário, naquele momento, mais desconforta do que leva alento:

“Não tremer de esperança nem de espanto.  
Nada pedir nem desejar senão  
A coragem de ser um novo santo  
Sem fé num mundo além do mundo. E então  
Morrer sem uma lágrima, que a vida  
Não vale a pena e a dor de ser vivida.”

Desde os dias em que chegou para morar no Rio, ficando em princípio num hotel e, a partir de julho de 1938, no apartamento 46 do Edifício Minas Gerais, à rua Santo Amaro 5, esquina com Rua do Catetete, a relação de Mário com a Capital Federal parece exprimir os versos de Paulo Vanzolini num samba feito em parceria com Eduardo Gudim muitos anos depois:

Longe de casa eu choro  
E não quero nada  
Que fora do chão  
Ninguém quer e nem pode nada  
Sinto falta de São Paulo  
De escutar na madrugada  
Uns bordões de violões  
Uma flauta a chorar prata  
Dor de amor não me magoa  
A saudade da garoa é que me mata  
E eu saio pra rua  
Assobiando comprido  
Um samba comovido  
Que Silvio Caldas cantasse  
E me iludo que a garoa

Vem molhar a minha face  
Mas é pranto, e eu choro tanto  
Quem me dera que hoje mesmo eu voltasse  
\_ Pro chão que eu adoro \_  
Pois longe de casa eu choro  
E não quero nada<sup>22</sup>

Curiosamente, nos dias de hoje, na esquina da rua onde morou Mário com a rua onde morou Bandeira ocorre a concentração do bloco carnavalesco Carmelitas, que desfila sempre na sexta-feira e na terça-feira de carnaval. Que poema hoje seria possível escrever sobre o carnaval carioca? Mário ainda encontraria motivos para seu *Carnaval Carioca*, dedicado a ninguém menos que Manuel Bandeira?

Quando anuncia a conferência sobre o Movimento Modernista, Mário bem sabe porque acredita que Bandeira não fosse gostar. É provável que considerasse tudo aquilo exagerado demais. No entanto, pouco teria ele a dizer sobre o que via Mário passar além do que escrevera em *Variações sobre Mário de Andrade*:

*“Mário eles não lavam nem os pecados nem a cara  
Os homens são horríveis  
Por isso há que os amar*

*Com os docementes dos nanquins mais melancólicos*

*Brasil*

*Como será o Brasil?*

*MÁRIO DE ANDRADE<sup>23</sup>*

No salão do Palácio do Itamaraty, naquele 30 de abril de 1942, Mário lê sua conferência tendo ao lado o Chefe de Gabinete do Ministro da Educação e Saúde, o poeta e amigo Carlos Drummond de Andrade, com quem pouco tivera contato durante todo o tempo em que morou no Rio. Talvez desagradasse a Drummond o pó de arroz que Mário costumava passar no rosto, sua gravata amarela, suas meias coloridas com losangos. Por seu lado, Mário se sentia desconfortável em tratar com pessoas que

---

<sup>22</sup> Gudin, Eduardo & Vanzolini, Paulo. Longe de casa eu choro. Gravação de Eduardo Gudin. *Acerto de contas de Paulo Vanzolini*. CD. Biscoito Fino. 2002.

<sup>23</sup> Bandeira, Manuel. *Poesia Completa & Prosa*. 3<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985.

exerciam cargos oficiais, se sentia tímido, diminuído. Não tinha noção do que pudesse acontecer, que repercussão teria aquela conferência. Tinha horror à prisão, tinha medo, e se confessara um covarde diante de atitudes políticas. Na conferência, procura passar as idéias e as posições a limpo e, embora não se considere um político de ação, diz que se encontrava vivendo uma idade política do homem e a isso ele tinha que servir. Mas é severo e amargo consigo mesmo:

“Si de alguma coisa pode valer o meu desgosto, a insatisfação que me causo, que os outros não sentem assim na beira do caminho, espiando a multidão passar. Façam ou se recusem a fazer arte, ciências, ofícios. Mas não fiquem apenas nisto, espíões da vida, camuflados em técnicos da vida, espiando a multidão passar. Marchem com as multidões.”<sup>24</sup>

Creio que, ao falar sobre a vida de Mário e outros poetas, é necessário compreender que “a poesia é alguma coisa a mais que os poetas”, como afirma George Sand em *Questions d’art et de littérature*, citado por Gaston Bachelard em *A Poética do Devaneio*. No mesmo ensaio, Bachelard ressalta:

“É tão difícil juntar a vida e a obra! Pode o biógrafo ajudar-nos dizendo que certo poema foi escrito quando Verlaine estava na prisão de Mons:

‘O céu se estende sobre o telhado,  
Tão azul, tão calmo!’

Na prisão! Quem não está na prisão nas horas de melancolia?...

... A crítica literária psicológica nos dirige para outros interesses. De um poeta ela faz um homem. Mas nas grandes realizações da poesia o problema permanece inteiro: como pode um homem, apesar da vida, se tornar poeta?”<sup>25</sup>

Após a conferência, que viria a repetir em São Paulo, semanas depois, Mário saiu pelos bares do Rio e só apareceu no hotel no dia seguinte, por volta das nove da

<sup>24</sup> Andrade, Mário de. “O Movimento Modernista”. Aspectos da Literatura Brasileira. 4ª edição. São Paulo: Martins, 1972. P. 255.

<sup>25</sup> Bachelard, Gaston. *A Poética do Devaneio*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988. P. 153.

manhã. Caiu na cama e acordou às 17h, com vontade de mais farra. Cedeu à vontade e depois embarcou de volta a São Paulo.

Quanto ao chefe de gabinete do ministro Capanema, provavelmente voltou ao Ministério, que funcionava não no imponente prédio construído com projeto de Le Corbusier, mas no Edifício Rex, na Rua Álvaro Alvim nº 37, perto do Teatro Rival, e onde hoje ao lado há um sex shop e do outro lado a Câmara Municipal.

Carlos Drummond de Andrade retorna a seu gabinete, cuida da burocracia cotidiana, enquanto continua a trabalhar no livro que então preparava. Um livro pequeno de poemas, que sairia ainda em 1942 e incluiria o pungente poema *Viagem na família*. O livro que antecederia *A Rosa do Povo* e receberia o mesmo título do poema que teria na estrofe final versos que tão bem definiriam aquele instante de angústia e impasse:

“Sozinho no escuro  
qual bicho-do-mato,  
sem teogonia,  
sem parede nua  
para se encostar,  
sem cavalo preto  
sua gula e jejum  
você marcha, José!  
José, para onde?”<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> Andrade, Carlos Drummond de. *José. Obra Completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964. P. 130.